



**em tempo
de Advento**

ÀS QUATRO SEMANAS QUE antecedem o Natal chamamos «ADVENTO». A palavra é latina e significa «vinda». O termo traduz a palavra grega «parousía» que, nalguns autores do Novo Testamento (a palavra está ausente de Marcos, Lucas e João), se refere à segunda vinda de Cristo. O Advento assume, assim, um significado duplo: estamos a preparar-nos interiormente para celebrar o nascimento de Jesus; mas o nome deste período espiritual direciona o nosso pensamento para o fim dos tempos. O Advento é um início que aponta para o fim. A ideia de início é a que mais me toca no Advento: começar de novo, começar do zero. Em 1912, numa série de conferências que deu na Suíça (Basileia) sobre o Evangelho de Marcos, Rudolf Steiner propôs esta ideia extraordinária: o Cristianismo, ainda agora, está apenas no seu começo. Esta noção - de que os 2000 anos que nos separam do nascimento de Jesus não são mais do que um átimo - convida-nos a pensar. Uma coisa é certa: basta olhar para o mundo à nossa volta para vermos que a mensagem de Jesus se torna mais actual com cada século que passa. É mais actual hoje do que no ano em que Steiner escreveu: em 1912, nem a 1.^a Guerra Mundial tinha ainda acontecido. Olhamos para trás e a consciência da História diz-nos isto com a maior acuidade: a mensagem de amor e de paz é mais necessária hoje do que alguma vez foi. Gosto da ideia de Steiner, de que o Cristianismo ainda hoje só deu os

primeiros passos e que ainda tem pela frente (nas palavras de Steiner) um «grande desenvolvimento». Atingir esse desenvolvimento implica a transposição para a prática dos ensinamentos de Jesus. E os primeiros a serem chamados a fazê-lo são os próprios cristãos. Não serei o único a ter estranhado tantas vezes na minha vida os comportamentos chocantemente anti-cristãos (não me refiro a sexo) de pessoas conhecidas por serem frequentadores assíduos da Igreja. Tal como David Bentley Hart escreveu na contracapa do mais recente livro de Isaac Portilla («What Christ Said»), a história do Cristianismo consistiu em grande parte na tentativa por parte dos cristãos e das suas instituições de fingir e esquecer o que Jesus pediu aos seus seguidores que fizessem, por vezes arvorando o contrário daquilo que Jesus disse na religião de Cristo. A beatice católica e o extremismo protestante não são alternativas válidas a sermos cristãos a sério. O Advento pede-nos que deixemos de nos fazer de desentendidos. Na preparação para a festa lindíssima do Natal (se quisermos mesmo que o Natal seja lindíssimo), dediquemos atenção redobrada àquilo que o Menino no presépio veio ao mundo para dizer. Porque é nas palavras dele que está a «vinda» dele. No apócrifo Evangelho de Tomé (Dito n.º 38), Jesus diz esta verdade irrecusável: «Muitas vezes desejustes ouvir estas palavras que eu vos digo; e não tendes outro de quem as possais ouvir». Sem dúvida.

na Festa da Imaculada

NOSSO PAI DO CÉU podia ter escolhido para mãe do seu filho, uma bela princesa daquelas que são admiradas e cobiçadas nos salões da nobreza e da burguesia. Mas é assim que nós vestimos e pintamos a nossa mãe e mãe de Jesus!!! É assim que a colocamos nos altares, adornada de pérolas e ouro e tratamo-la de rainha disto e daquilo!...

Nosso Pai do Céu escolheu para mãe do seu filho, uma rapariga simples, filha de gente pobre numa aldeia desconhecida. « *De Nazaré pode sair alguma coisa boa?*» (João 1: 43-46)

Como são diferentes dos nossos, os critérios de Deus?

Ela concebeu e ficou mãe de Jesus, desde o momento, em que ela aceitou que a força do Espírito Santo descesse sobre ela e fizesse dela a Mãe de Jesus, o filho de Deus. Maria aceitou ser mãe de Jesus, como servidora da vontade de Deus. “*Faça-se em mim, segundo as tuas palavras, porque sou a escrava do senhor.*” (Lc 1,

38) Fazer a vontade de Deus já era a grande preocupação de Maria. Ser a mãe do filho de Deus foi ser mãe de muitas dores.

Começou logo por ter de anunciar a seu marido, José que estava grávida dum filho que não era dele. E as coisas estiveram de tal modo complicadas, que José pensou abandoná-la. Maria correu o risco de ficar mãe solteira numa terra e numa cultura em que ela poderia morrer apedrejada.

José foi também favorecido por Deus. O anjo dos sonhos de José lembra-nos de que ele passou noites sem dormir, a pensar no que ia fazer da vida dele. E Deus o ajudou a respeitar e a acolher Maria como sua mulher.

Na ideia que José fazia de Maria não entrava a possibilidade de que Maria lhe faltasse ao respeito ou por uma vez, o deixasse de amar.

Para todos os que conheciam aquele casal, José era o pai de Jesus. Ele o acolheu como seu filho, o educou nos seus

valores, nas tradições e na fé do seu povo, o ensinou na sua profissão. Os Evangelhos nos dão conta disso mesmo. *Não é este o filho do carpinteiro? e não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos Tiago, e José, e Simão, e Judas?. E não estão entre nós todas as suas irmãs?* (Mat13, 55-56). Maria foi esposa de José e mãe de Jesus. E eles o educaram numa família normal com irmãos e irmãs, filhos de José e o ensinaram a ganhar a vida.

Para alimentar uma família numerosa, sem recursos, todos tinham de trabalhar. Eu imagino Maria, a mãe de Jesus a cuidar da sua casa, a dar ordens às crianças para arrumar e limpar isto e aquilo e buscar água e lenha, para que todos tivessem o necessário. Eu imagino Maria, a mãe de Jesus a cuidar da sua criação e da sua horta, dos seus mimos, para ter que deitar na panela e pôr na mesa, o suficiente para aconchegar o estômago, refazer as energias e dar prazer e alegria a toda a família. Eu imagino Maria como via fazer a minha mãe.

Ser a mãe do filho de Deus

foi ser mãe de muitas dores. Dalgumas dores nos falam os Evangelhos e por isso, foram evocadas pelas primeiras comunidades e guardadas nos Evangelhos. Aos doze anos, perderam Jesus e procuravam-no, por todo o lado. Jesus parece ter saído de casa para a pregação, sem que isso tenha sido assumido pela sua família. Sua mãe, seus irmãos foram à procura dele, para o dissuadir. *E a multidão estava assentada ao redor dele, e disseram-lhe: Eis que tua mãe e teus irmãos te procuram, e estão lá fora.* (Mc 3, 32)

Quando Maria respondeu que aceitava a vontade Deus, porque se considerava sua escrava, sua filha não devia ter pensado que assistiria àquela morte de seu filho, como um criminoso. Ela, a mãe não arredou pé. Cada golpe no seu filho, era um golpe no seu coração.

Que Maria já era querida pelos seguidores de seu filho, atestam-no, as mulheres que a acompanhavam. A essas mulheres e a João, ela nos foi dada como mãe e mãe da Igreja.